

UM FANTASMA ASSOMBRA A IGREJA: A REAÇÃO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM FEIRA DE SANTANA AO G_12

Késia Caroline Souza Conceição

Introdução

A cidade de Feira de Santana localiza-se entre o Sertão e o Recôncavo Baiano teve sua origem no comércio de produtos agropecuários e atualmente é a segunda cidade do Estado da Bahia em densidade demográfica e importância econômica. O processo de modernização e urbanização se intensificou no final da década de 1960 com a implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS) e o crescente desenvolvimento comercial da década de 1970, favorecido pela sua localização de entroncamento rodoviário, cortada por três rodovias, ligando várias regiões do País. O êxodo significativo do campo para a cidade nas décadas de 1970 e 1980 ocasionou um considerável aumento da população feirense, que repercutiu também nas comunidades protestantes.

A Assembleia de Deus (AD) é um grupo pentecostal, que faz parte da primeira onda pentecostal o qual deriva diretamente do movimento que surgiu nos Estados Unidos em 1906, liderado por W. J. Seymour, um garçom negro que em suas pregações utilizava-se da glossolalia¹. A AD foi fundada no Brasil em 1911, por dois missionários batistas suecos. O pentecostalismo chegou a Feira de Santana em 1938, apesar de haver pregações assembleianas já em 1936, feitas por um comerciante de animais. O contexto do campo religioso feirense era de maioria católica. Os assembleianos não são o primeiro grupo protestante a chegar à cidade, no século XIX já havia missionários presbiterianos fazendo proselitismo através da venda de Bíblias, e em 1937 foi criada a Igreja Evangélica Unida, que posteriormente passou a chamar-se Igreja Evangélica Fundamentalista.

Os neopentecostais fazem parte da terceira onda pentecostal do Brasil, iniciada nos anos 1970. As principais características do neopentecostalismo são: adesão a teologia do domínio e sua concepção de que o mundo está em poder de Satanás e daí a necessidade do cristão declarar uma guerra espiritual contra o diabo por meio de orações afirmativas, jejuns, atos proféticos e marchas, porque o Diabo é o único

causador de males à sociedade .O neopentecostalismo teve grande adesão no Brasil.

O movimento G-12 teve sua origem em Bogotá, Colômbia. Essa metodologia teve grande adesão nas comunidades protestantes em Feira de Santana como: a Igreja Batista Central, Igreja Batista Memorial e Igreja Batista Missionária Internacional. A Igreja Assembleia de Deus em Feira de Santana ligada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) não incorporou a metodologia institucionalmente, mas diversas congregações e líderes ligadas a CGADB comungaram da metodologia em todo País.

Sobre a repercussão do G-12 na Igreja Assembleia de Deus ainda não existem estudos históricos sistemáticos. A pesquisa que deu origem a este artigo traz novas discussões, pois aborda a relação do movimento com os pentecostais, em especial os assembleianos. Pretendemos analisar as representações que estes fizeram do movimento com suas possíveis rupturas e continuidades, e possíveis disputas no campo religioso feirense, trazendo uma ampliação do conhecimento histórico sobre a população feirense filiada a Igreja Assembleia de Deus.

Este trabalho desenvolve-se na perspectiva da História Cultural, usando o conceito de representação de Chartier. Baseado nesse pressuposto pretende-se perceber como a comunidade assembleiana representou o G-12 e como organizou seu discurso de adesão ou de oposição à nova metodologia. “As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (política, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras” (CHARTIER, 1990, p.23)

Tem como baliza teórica também as reflexões de BOURDIEU (2009) principalmente no que se refere ao campo religioso que engloba uma relação de interdependência e de reforço recíproco entre religião, sistemas simbólicos, condições econômicas e sociais bem como relações de poder. A contribuição de BOURDIEU (2009) para este trabalho se estende à definição das disputas no campo, tensão, onde os representantes da religião estabelecida (detentores de maior capital

religioso) lançaram mãos das mais diversas estratégias para deslegitimar os profetas e suas seitas que buscam contestar a religião estabelecida, ou melhor, ainda, contestar o monopólio da produção e distribuição dos bens de salvação.

O conceito de campo religioso possibilita perceber a disputa no campo religioso feirense, uma vez que houve muita migração de fiéis de grupos que não aderiram ao método G-12 para instituições eclesiásticas que se apropriaram da metodologia, causando uma disputa por fiéis, rupturas cismas e exclusões.

A pesquisa vem sendo realizada nas atas da ADEFS, atas da Mesa Diretora e da Assembleia Geral da Convenção Estadual das Assembleias de Deus na Bahia (CEADEB). Foram analisadas também fontes impressas, a revista da Escola Bíblica Dominical (EBD), Heresias e Modismos: combatendo os erros doutrinários, referente ao segundo trimestre de 2003 e o jornal Mensageiro da Paz, ambos publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Fontes orais: entrevistas a Luiz Antonio (pastor vice-presidente da ADEFS no período), Luiz Conceição (pastor do setor sudeste da ADEFS), Nils Alberto Beresten (ex-tesoureiro da ADEFS), José de Matos Marinho (diácono) e Maria Luiza Costa Souza (membro da comunidade assembleiana).

Conhecendo o fantasma G-12

O movimento G-12 teve sua origem em Bogotá, Colômbia, sob a liderança do casal Castellanos, na década de 1980. Consiste em um método de crescimento de expansão de igrejas. O pastor Cesar Castellanos teve uma visão de Deus, que o seu rebanho seria tão grande como a areia do mar e as estrelas do céu, tal qual teve o patriarca Abraão no Velho Testamento. A perspectiva do casal colombiano incluía a participação política, Cláudia Castellanos tornou-se senadora da República da Colômbia, eleita com maioria dos votos dos evangélicos para um mandato político com o objetivo de dar visibilidade e ao mesmo tempo propiciar a intervenção do grupo religioso nas políticas públicas e sociais. O G-12 provocou um verdadeiro furacão no campo religioso e político da Colômbia.

O G-12, o Grupo dos Doze, em alusão aos apóstolos de Jesus, tem suas características próprias, apesar de estar em consonância com o neopentecostalismo.

Segundo Andrade (2010, p. 63) é: “Modelo de organização da igreja, com ênfase, em promover cultos nos lares, também chamados de grupos familiares ou células, visando um crescimento maior do número de membros e uma experiência de comunhão, de maior aproximação entre os fiéis, dos fiéis e familiares.” Defende a participação política da instituição eclesial e de seus membros individualmente. Jardimino (2001), afirma que o neopentecostalismo se tornou o pentecostalismo dos ajustes, ajustaram-se ao uso dos meios de comunicação de massa para disseminar a mensagem religiosa, à aplicação do marketing na igreja para promover o comércio dos bens religiosos e a adoção de modelos empresariais na organização eclesial das comunidades. Consideramos o G-12 como um dos ajustes do neopentecostalismo, pois é um marketing religioso, que usa eficazmente instrumentos e estratégias de comunicação de massas.

O método firma-se na ideia de que cada pessoa que se converte a Cristo independente de qual igreja está vinculado, deve ser integrada a um grupo com 12 pessoas, células, e a cada semana deve alcançar novas pessoas, cada novo crente torna-se um líder em potencial, o qual depois de treinado é alçado a condição de líder de célula. Foi inserido no Brasil pelo apóstolo Renê de Araújo Terra Nova, líder da Igreja Batista Memorial em Feira de Santana e pela pastora Valnice Milhomens, em 1999. Essa metodologia já era utilizada pelo pastor Paul (David) Yong Cho em sua igreja na Coreia, mas foi adaptada ao contexto político-religioso brasileiro.

Poucas pesquisas históricas foram realizadas sobre o G12. A dissertação de Mestrado em Sociologia de Eliana Andrade faz uma análise da relação igreja e sociedade através da Visão dos Doze e como isto repercutiu na comunidade evangélica e na sociedade soteropolitana, o que mudou nas atividades proselitistas e levou à participação e a busca de solução para os problemas sociais locais. Andrade analisa a dinâmica e a reelaboração na estrutura eclesial da Igreja Batista de Pernambués em Salvador e na Primeira Igreja Batista do Brasil.

Outra pesquisa que trabalha essa temática é a Dissertação de Caroline Luz e Silva Dias realizada em Feira de Santana, faz uma análise das práticas e representações religiosas e das relações culturais e sociopolíticas das comunidades religiosas que aderiram ao G-12. Também é analisada a adesão e a desvinculação

das Igrejas Batistas da Convenção Batista Brasileira por causa de divergências doutrinárias, bem como a participação feminina nos cultos e no sacerdócio. A pesquisa de Dias traz uma contribuição relevante ao discutir a dinâmica do movimento no contexto feirense, permitindo-nos uma maior compreensão de como se configurou o campo protestante após a chegada da nova metodologia de crescimento na cidade.

O G-12 e a política partidária

Um dos aspectos que objetivamos analisar são as representações no campo político. Uma das propostas do Grupo dos 12 é a inserção na esfera política e por fim a tomada do poder político em suas formas institucionais. Isto ficou decidido no Congresso de Resgate da Nação, realizado em 2000, em Porto Seguro, Bahia. A participação política se tornou importante, pois é uma das possibilidades de retirar o mundo das mãos do maligno, crença sustentada pelos gedozistasⁱⁱ. É possível observar que “se evidencia no discurso gedozista um projeto político alternativo para a nação, mais do que um projeto religioso” (Andrade, 2010, p. 123). Após esse congresso, anualmente, foram realizados encontros para desenvolver estratégias e metas a serem alcançadas no campo político. A partir de então diversos líderes do G-12 lançaram candidaturas ao legislativo e executivo, acirrando uma disputa não só no campo religioso, como também no campo político.

A política para os assembleianos, inicialmente, era condenável, tinham completa aversão *as coisas deste mundo*. “Os assembleianos achavam que a entrada dos pastores na política poderia significar uma disvirtualização dos valores religiosos que se pregavam” (Silva, 2009, p. 16). Na dissertação de Igor José Trabuço da Silva, é possível perceber uma mudança neste discurso. Na década de 50 já havia registro de candidatos para a Câmara de Vereadores de Feira de Santana de membros da ADEFS, mas ainda encarados com muitos preconceitos. Em 1972, foi eleito Gerson Gomes Silva, o primeiro membro da ADEFS a assumir a cadeira de vereador do município de Feira de Santana. Também é possível observar que esta comunidade já exercia práticas políticas através de entidades assistenciais, orfanato e centro de recuperação para viciados, com relações clientelistas com políticos locais e do Estado da Bahia.

Jean Neilla Rocha Ferreira analisa a participação dos assembleianos na política partidária, oficializando candidaturas e a eleição de um de seus líderes, o pastor Severino Soares, para a Câmara Municipal de Feira de Santana de 1994-1996. Ao analisar lições bíblicas da Escola Dominical percebe que, “a visão de afastamento das coisas do mundo incluindo a política, que foi a posição oficial por várias décadas, não aparece mais de forma tão rígida” Ferreira (2009, p.44). A flexibilidade para as atividades políticas percebida por Silva (2009) na década de 1980 foi consolidada em 1990, segundo a análise de Ferreira (2009). A relação entre religião e política, para a Assembleia de Deus, deixou de ser alvo de contraposição e passou a ser uma forma de defender os interesses ligados às atividades assistenciais e sociais desses evangélicos, como concluiu Silva (2009).

O método G-12 teve grande abrangência em Feira de Santana, primeira cidade da Bahia a adotá-lo, em muitas denominações gerou conflitos e rupturas, tanto com a membresia como nas instancias administrativas. A Assembleia de Deus não comungava com esta metodologia, mas muitos dos seus membros migraram para grupos gedozistas e outros fundaram comunidades baseadas nesses preceitos. Alguns líderes candidataram-se a cargos políticos, a exemplo do pastor Edvaldo Lima que lançou candidatura para o cargo de vereador no ano 2000, disputando o voto dos irmãos assembleianos, trazendo novas configurações ao campo religioso e político feirense.

A reação dos assembleianos ortodoxos

A metodologia colombiana foi inserida no campo religioso feirense desde 1999, mas as primeiras ações de repulsa na Assembleia de Deus só aparecem nas fontes a partir de março do ano 2000. Mas a reação ao G-12 só constaria na ata do mês de abril da mesa diretora da CEADDEB na fala do pastor presidente Walmar Alcântara: “fica confirmado o parecer de ética emitido pela CGADEG sobre o G-12, qualquer que me perguntar ou ligar eu o confirmarei”ⁱⁱⁱ. Após esta ata todas dos meses subsequentes do ano 2000 trazem questões sobre o G-12.

O parecer da CGADEB apesar de ter sido enviado às Convenções Estaduais em abril, só foi publicado pelo jornal Mensageiro da Paz em maio. Juntamente com o parecer foram feitas diversas denúncias contra pastores e membros que estavam praticando o método G-12, entre elas o pastor presidente da Assembleia de Deus no

município de Jacobina, Bahia, que, segundo o denunciante, estava implantando a metodologia G-12.

A análise das fontes permite perceber como as lideranças da AD conceberam a metodologia G-12 e como orientaram os fiéis. A revista *Heresias e Modismos: combatendo os erros doutrinários*, publicada em 2003, visava alertar aos fiéis sobre os ardis de religiões, filosofias e modismos religiosos, mas a parte que traz uma discussão sobre o G-12 é a lição intitulada de *Regressão Psicológica*. Na revista em questão há um combate às práticas que o método traz, porém havia um enfoque maior à descrição da prática de regressão psicológica e os problemas psíquicos e espirituais que ela poderia gerar.

É possível observar nos fragmentos a seguir os argumentos utilizados para combater a metodologia: “é uma prática perigosa, pois se trata de um ataque à psique do indivíduo” e “Muitos mestres desta prática afirmam, ostensivamente, que o poder de Jesus não é suficiente para curar os traumas emocionais provocados na infância”, (Revista da Escola Dominical, Seitas e Heresias, 2003, Lição 8, p 35). Os argumentos eram em torno de duas questões importantes para o fiel, a primeira é saúde da mente onde o culto à divindade é racionalizado e a questão doutrinária, invalidação do sacrifício de Jesus, este deixa de ser suficiente e passa a necessitar de auxílio humano.

Como a revista é de caráter doutrinário e direcionada aos fiéis, houve um esforço muito grande em mostrar os equívocos teológicos e problemas que a metodologia trazem. Foram citadas as práticas utilizadas pelo método, posteriormente, baseados em textos da Bíblia. Procura-se desconstruí-las, ao fazer isso reafirma sua própria doutrina, manipulando a opinião do leitor. Rubem Alves chega à conclusão de que quando há ameaças externas a uma religião sua tendência é centralizar-se em seus preceitos, percebemos isso claramente nos escritos da revista, sempre ressaltando o que AD defende e procurando fundamentar sua posição na Bíblia, a qual para a comunidade é regra de fé e prática.

Rubem Alves se refere ao tipo ideal do Protestantismo de Reta Doutrina (PRD), que é o protestantismo que privilegia uma série de formulações doutrinárias que são tidas como a expressão da verdade, sendo esta condição necessária para

permanência na comunidade. Faz uma análise de comunidades que privilegiam a ortodoxia e que ao se depararem com uma nova articulação da fé, “Sentiram-se profundamente ameaçadas e agiram de forma rigorosa para restabelecer o domínio do discurso ideológico-teológico tradicional, o que implicou na instauração de práticas inquisitoriais, cuja função foi de eliminar os discursos divergentes, classificados como heréticos.” (ALVES, 1979, p. 29). A AD, enquanto instituição organizada defendeu a reta doutrina, ao mesmo tempo em que considerou o G-12 como uma heresia, que deveria ser combatida.

Outro instrumento utilizado para combater o G-12 foi o jornal Mensageiro da Paz, este jornal de circulação nacional, é muito importante por oferecer um conteúdo de informações sobre a doutrina e organização da Assembleia de Deus. Em uma publicação o presidente da CGADEB, Pastor José Wellington, dirigiu aos líderes da AD em todo o Brasil uma carta aberta intitulada de: *O manifesto alertando líderes sobre a ameaça do movimento Grupo G-12*, alertando-os sobre os perigos do G-12 e o objetivo dos grupos gedozistas, isto fica nítido na primeira frase da carta: “ Em virtude do abençoado crescimento da Assembleia de Deus no Brasil, grupos estranhos de pseudos evangélicos trabalham em planos cientificamente preparados, usando de forte marketing tentando dividir e enfraquecer a Igreja de Deus”^{iv}. Nesta carta deixa clara a posição que a Igreja Assembleia de Deus deve ter frente à metodologia, repudiou, e alertou para consequências que sobreviriam aos líderes que comungarem desse método, uma delas a exoneração, pois *o método é um engodo do diabo, heresia*.

A carta é bem enfática naquilo que contrapõe, o primeiro e mais explorado é o da invalidação do sacrifício de Jesus, pois segundo o pastor presidente *põe remendos* num sacrifício que foi suficiente. Outra temática explorada foi a que se refere a membrezia, à carta diz que o objetivo dos *aproveitadores* é puramente comercial, arrebanhar membros de igrejas já constituídas com fins financeiros, verdadeiros *caça níqueis*, e alerta: “É vital importância a vigilância pelos nossos pastores para proteger o rebanho do senhor contra os exploradores, cuja a visão, *a tremenda*, não é espiritual, mas é fatia comercial, com objetivo de obter o já previsto por tais aproveitadores”^v.

Todas as refutações são confirmadas por textos bíblicos, para dar credibilidade às argumentações levantadas. A carta foi direcionada as lideranças da AD para orientação deles e de seus liderados tinha claro objetivo, que era extirpar a Metodologia G-12 da comunidade e reforçar suas bases de fé. Na carta ficam explícitas as características negativas da metodologia, ao final foi pontuado oito aspectos do G-12 e logo a seguir colocada uma refutação baseada em um texto bíblico.

A carta é subdividida, o ponto três fala da visão, ou revelação, segundo a carta esta é considerada pelos líderes do G-12 como a última revelação de Deus, a refutação que segue é baseada no texto bíblico de Apocalipse 22:19, o qual fala sobre a punição que Deus daria aos que tirar uma palavra da profecia. O objetivo dos pontos explicitados era deixar claras as práticas da metodologia e o quanto que eram danosas e heréticas. Portanto, as representações eram muito negativas, utilizando doutrinas que assembleianas julgam de fundamental importância para a fé cristã.

Em entrevista ao líder da ADEFS Diácono José de Matos Marinho, este relatou que diversos pastores e superintendentes participaram de encontros gedozistas. No caso da congregação da AD em que ele era diácono o pastor da mesma, Luiz Conceição, ao retornar de um desses encontros fez uma festa e disse que agora que era crente de verdade, expressão que o diácono diz com espanto. O diácono afirmou que depois que retornou o pastor passou a pressionar o diaconato e os superintendentes a irem ao encontro, uma espécie de curso intensivo e de retiro espiritual, ele disse que alguns foram, e o mesmo assegurou que “fomos convidados insistentemente a participar do encontro, mas não fui e nunca concordei com esse G-12”^{vi}.

Em 2000 o discurso do pastor Luiz Conceição mudou, segundo o diácono, este passou a refutar a metodologia e a excluir membros que aderiram ao G-12. Na entrevista também foi possível constatar que o vice-presidente da ADEFS e pastores de subáreas eclesiais, subáreas é como é dividida Feira de Santana para melhor administração das congregações, participaram de encontros, mas após a refutação feita pela CGADEB deixaram de participar dos encontros gedozistas e mudaram o discurso.

A oficialização da condenação da AD veio através da carta aberta divulgada pelo Jornal Mensageiro da Paz, após essa divulgação houve reuniões na Convenção Estadual, que é a organização que coordena as comunidades assembleianas na Bahia, e posteriormente na sede da ADEFS, em Feira de Santana. O conteúdo completo das discussões dessas reuniões ainda não foi possível saber, mas foram suficientes para fazer a maioria dos líderes mudarem o discurso sobre o G-12, passando a condená-lo como doutrina perigosa.

Os líderes que resistiram foram exonerados ou levados a renunciar, alguns destes abriram outras comunidades e igrejas. Como a Comunidade Videira, situada na Av. João Durval, fundada pelo ex-tesoureiro da ADEFS Nils Alberto Beresten. A Igreja Batista Boas Novas situada no bairro Brasília, fundada por Carlos Alberto Tolentino, ex-pastor presidente da ADEFS, posteriormente retornou para a AD, mas em Salvador. Estas comunidades foram criadas a partir da metodologia G-12, com características de uma igreja neopentecostal. Após a separação de Renê Terra Nova de Cesar Castellanos, permaneceram ligadas à Castellanos.

A ruptura entre Renê Terra Nova e Cesar Castellanos foi analisado por Dias (2009), ocorreu em 2005, a autora afirma ter sido por disputas pelo poder religioso sacerdotal, uma vez que as ações de Renê Terra Nova passaram a destoar das orientações de Cesar Castellanos. Em entrevista feita pela autora ao irmão de Renê Terra Nova, Israel Terra Nova, este afirma que o M-12 é uma reforma para *melhor* do G-12. O M-12 trouxe algumas peculiaridades em relação ao modelo colombiano, como: peregrinação à Israel, em busca do mito fundante do protestantismo, práticas judaizantes, utilização de símbolos e da língua hebraica, comemoração de festas judaicas, como a festa dos tabernáculos. A autora entende que “a inserção de práticas judaizantes, tem o objetivo de apresentar uma igreja glorificada, herdeira das promessas dos israelitas, através de Jesus Cristo” (Dias, 2009, p. 85).

A leitura da Ata nº 150, p. 118 14/07/2000 mostra uma convocação feita pelo presidente da mesa diretora a todo o campo de Feira de Santana para uma reunião extraordinária para o dia 23/07 de 2000, na pauta da reunião estaria a renúncia de componentes da diretoria da ADEFS. A Ata de 23/07/2000 mostra uma reunião, de caráter extraordinário, escrita bem genericamente e com o conteúdo bem diversificado, mas transmite uma ideia de reestruturação na administração da

ADEFS: “foi feita a leitura da resolução de nº 001/2000 da Convenção Estadual e em seguida foi lida pelo pastor Abiezer Apolinário da Silva a carta de renúncia e desligamento do quadro de membros da CEADEB do pastor Carlos Alberto Tolentino e do tesoureiro Nils Alberto”^{vii}. A resolução da Convenção lida durante a reunião era com base na carta aberta publicada pelo Mensageiro da Paz, para elucidar as motivações da excomunhão do pastor e do tesoureiro.

Na referida ata consta a renúncia do pastor presidente, Carlos Alberto Tolentino e o tesoureiro Nils Alberto Beresten, não é especificado o motivo da renúncia, mas numa entrevista realizada com o tesoureiro, em 17 de abril de 2011, este relatou serem os motivos, a participação deles em encontros gedozistas e outros motivos que não foram revelados nesse primeiro contato. Ao final da reunião o pastor Walmar Alcântara dos Santos, presidente da CGADEB no período, anunciou o novo pastor presidente de Feira de Santana, Joeser Cruz Santana.

Para o combate das práticas gedozistas na Bahia, foi criada uma comissão responsável pela investigação das congregações ligadas a CEADEB, suspeitas de praticar o método G-12. Segundo a ata da mesa diretora de 09 de junho de 2000, a comissão deveria ouvir o ministério, ouvir os membros e fazer de tudo para elucidar a questão. Foi criado um verdadeiro sistema de *Vigiar e Punir* dentro da comunidade assembleiana. Neste estado de vigília as denúncias de pastores que praticavam o G-12, continuaram e juntamente com elas as advertências aos mesmos. A ADEFS foi denunciada pela comissão, há referência de advertência ao pastor Carlos Tolentino, presidente da ADEFS, desde maio de 2000, não é explicitado o motivo, mas está no contexto da Ata que discute o G-12. O certo é que o pastor presidente da ADEFS renunciou em 23 de julho de 2000.

A metodologia G-12 estava em Feira de Santana desde 1999 e a carta aberta do presidente da CGADEB só foi publicada em maio de 2000, isto abriu margens para que líderes e membros participassem de encontros, no qual a pessoa passava por um processo de doutrinação que a levaria a uma nova visão, uma nova revelação divina. Levando alguns líderes da ADEFS a aplicarem a metodologia em suas congregações, a reação veio em 2000 e o processo de advertência e punição foi num intervalo de cinco meses.

Considerações Finais

Esta pesquisa ainda está em andamento, porém já podemos afirmar que o protestantismo em Feira de Santana é um campo que oferece várias demandas de estudos científicos, o presente trabalho apenas analisa uma das possibilidades. As questões sobre a reação da Assembleia de Deus ao G-12, não findam com as explicitadas aqui, nem as possibilidades de análise com as feitas neste artigo.

O G-12 foi e é tema de diversos estudos do campo religioso brasileiro. É possível perceber ao analisar as fontes que o G-12 representou um *fantasma* que assombrou reuniões e publicações da Assembleia de Deus. Diversas publicações da CPAD direcionadas a membresia e aos pastores no intuito de afastá-los desse *perigo teológico*, pois essa metodologia *gera o enfraquecimento das igrejas de ensino sério e histórico*, desencadeando uma acirrada disputa por fiéis no campo religioso brasileiro e feirense.

O G-12 em escala nacional ocasionou divisões na Assembleia de Deus em muitos estados, na Bahia a de maior ressonância foi em Feira de Santana, pois teve como desfecho a renúncia do próprio pastor presidente.

ⁱ Capacidade de reproduzir o fenômeno conhecido por dom de línguas.

ⁱⁱ Termo utilizado pelas fontes para denominar as práticas ou os praticantes da metodologia G-12.

ⁱⁱⁱ Ata da mesa diretora da CEADDEB, 14 de abril de 2000, p. 71.

^{iv} Mensageiro da Paz 01 a 15/05/2000, p.10-11.

^v Mensageiro da Paz 01 a 15/05/2000, p.10-11.

^{vi} Entrevista concedida à autora em 19/12/2011 no município de Feira de Santana.

^{vii} Ata da reunião de membros da ADEFS nº 549, pg. 117 de 14/07/2000.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

ALVES, Rubem. Protestantismo e Repressão. São Paulo. Editora Ática, 1979.

BASTIAN, Jean-Pierre. Os efeitos políticos da mudança religiosa na América latina. IN: CIPRIAN, Roberto. Et Ali (Org.) Identidade e mudança religiosa na Latino-Americana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas. Organização e seleção Sergio miceli- São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHARTIER, Roger. A História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difil/RJ: Bertrand Brasil, 1959.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Nem anjos nem demônios interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.

GUERRIEIRO, Silas. Os desafios dos estudos das religiões. IN: GUERRIEIRO, Silas (org.). Os estudos das religiões desafios contemporâneos. SP: Paulinas, 2003.

JARDILINO, José Rubens. O tempo e o espaço sagrado na experiência religiosa Pós-Moderda Alteração no Campo Religioso Brasileiro. IN: JARDILINO, José Rubéns. SANTOS, Gérson Tenório das. (Orgs.) Ensaio de Religião e Psicologia. São Paulo, Plêiade, 2001.

LEONARD, Emile. O protestantismo brasileiro. ASTE, São Paulo, 1963.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Ed. Loyola, 2ª Ed. 2005.

OLIVEIRA, Ivo Xavier. Igreja Universal do Reino de Deus uma instituição inculturada? São Paulo: Edição Pulsar. 2004.

SILVA, Elizete da. Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: Evangélicos progressistas em Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

Tese ou dissertação: _____

ANDRADE, Eliana. A visão celular no modelo dos 12: Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaço entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA, 2010.

DIAS, Caroline Luiz Silva. Os neopentecostais em Feira de Santana: da visão celular do modelo dos 12 ao mover celular do fruto fiel. Dissertação de Mestrado, UEFS, Feira de Santana, 2009.

FERREIRA, Jean Neilla Rocha Assembleia de Deus em Feira de Santana: Um estudo das representações políticas na “década da Colheita.” Monografia apresentado à banca examinadora da UEFS.

SILVA, Igor José Trabuco da. “Meu reino não é deste mundo”: A Assembleia de Deus e a política em Feira de Santana, (1972-1990). Dissertação de mestrado em História, UFBA, Salvador. 2009.